

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: 06

Data: 23.09.73

Pg.: _____

O fazendeiro chama o repórter e fala sobre o ataque à aldeia

O fazendeiro João Marques de Oliveira, conhecido como João Mineiro está escondido em uma fazenda a aproximadamente 250 quilômetros de Barra do Garças, no Mato Grosso. Acusado de ter liderado um ataque de 70 colonos a uma aldeia boro-ro, há alguns meses, por problemas de terras, matando o padre Rodolfo Lunkenbein e o índio Simão e ferindo cinco índios, o fazendeiro nega sua culpa e diz-se disposto a entregar-se às autoridades, desde que não o transformem em "responsável único por tudo que ocorreu".

João Mineiro fez essas revelações ao correspondente do jornal O Estado de S. Paulo em Cuiabá, Oscar Ramos Gaspar. No meio da semana passada, o fazendeiro pediu-lhe através de um bilhete que fosse à cidade de Barra do Garças. Depois de dois dias de espera, o jornalista foi procurado por dois jovens de 23 a 28 anos de idade que o colocaram em uma camionete tipo C-10, amarela e sem placas. O jovem que dirigia o veículo disse-lhe que havia sido vigiado nos últimos dois dias e que fizera bem em não avisar a polícia, caso contrário, poderia "desaparecer".

Assim que deixaram a cidade, os dois jovens fizeram o jornalista abaixar a cabeça para não saber o caminho que seria percorrido. Eram 23 horas de segunda-feira passada quando a camioneta parou em frente a uma casa de tijolos e com piso de cimento. Após servir um café, os rapazes levaram à sala um homem de barba e sorriso apagado que se apresentou assim: "João Marques de Oliveira, o bandido que os jornais e os padres criaram. Não sei se esta entrevista vai adiantar muito, mas dos jornais que eu li sobre o caso o mais sensato foi o Estado".

— O senhor poderia mostrar seus documentos para que eu tenha certeza de que estou falando com João Marques de Oliveira? — pediu o repórter.

— Na fuga não trouxe nenhum documento e alguns estão com a polícia.

Nesse momento, um dos jovens interrompeu o diálogo para dizer ao fazendeiro que havia visto naquele dia, em Barra do Garças, o cacique Silourenço, e que este iria dar uma entrevista a uma emissora de televisão de São Paulo em companhia de um padre. O fazendeiro sorriu e disse apenas: "O que é que podemos fazer?"

João Mineiro falou durante quase uma hora, negando sempre que tivesse liderado qualquer ataque à aldeia e dizendo: "O índio é um deus neste País. Por isso, todos só contam um lado da história".

— Sinceramente, fiquei apavorado quando soube que fora transformado no bode expiatório de tudo. Não comandei nada, estávamos apenas desesperados; com medo de perder quase todas as nossas terras para os índios. Todos sabem que o padre Rodolfo sempre foi meio truculento. Eu e os colonos passamos pela área de medição da reserva dos índios e fomos para a missão. Realmente, discutimos com o Padre Uchoa, mas ninguém o agrediu. O padre Rodolfo chegou e, quando devolvemos as armas que havíamos apanhado dos índios e dos topógrafos, ficou bravo. Nem vi como a coisa começou. Eu atirei, mas para cima. Não sei quem atirou no padre. Uma coisa eu posso dizer: estávamos revoltados, mas ninguém foi lá com a intenção de matar. Mais tarde, tive muita sorte, porque passei pelas barbas da polícia e ninguém me viu. Digo que foi sorte, mas não porque não esteja disposto a pagar pelo crime do qual participei — mas não liderei — e sim porque se a polícia me apanhasse naquele dia eu seria morto na hora.

— Sei quais os meus companheiros que estão presos e também sei que eles estão jogando a culpa em mim. Isso é um crime contra quem só quis ajudá-los a resolver um caso comum, que terminou mal. Eles poderiam me ajudar.

João Mineiro disse ainda que sua família não tem ido visitá-lo e que, depois que a entrevista fosse publicada, a polícia certamente passaria a vigiá-la. Garantiu que pretende apresentar-se à polícia, mas não sabe quando: "Pode ser a qualquer momento".

"Eu soube que o governador do Mato Grosso falou de subversão na igreja. Ele está certo. Tenho certeza de que muitos padres são comunistas. Eles não se lembram de que nós, brasileiros e trabalhadores, também merecemos o pedaço de terra onde trabalhamos".

Na volta, o jornalista foi deixado na cidade de General Carneiro, sem que João Mineiro ou seus amigos explicassem por que não poderia ir diretamente para Barra do Garças.